



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

LINHA DO TEMPO: NARRATIVAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM ARTE

Luciane Germano Goldberg
Universidade Federal do Ceará
lucianegoldberg@ufc.br

<http://lattes.cnpq.br/9917247618926283>

Larissa Rogério Bezerra
Universidade Federal do Ceará
larinharbz@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2829253529823921>

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar os resultados obtidos a partir da atividade acadêmica denominada "Linha do Tempo: experiências formativas em arte" realizada com estudantes do curso de Pedagogia na disciplina de Arte/Educação e do curso de Licenciatura em Teatro na disciplina de Fundamentos da Arte na Educação: Metodologias e Tendências na Universidade Federal do Ceará. Na atividade os estudantes são convidados a compartilhar narrativas de vida permeadas pelas experiências formativas em Arte desde a infância. O objetivo da atividade é levar os estudantes ao resgate dos processos educativos formativos em Arte a fim de fazê-los refletir sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana.

Palavras-chave: Arte/Educação; História do Ensino de Arte; Histórias de Vida

ABSTRACT

This research searches to analyze the results obtained from the academic activity in the Federal University of Ceara, called "Timeline: formative experiences in Art", with students of the Education Graduation and Theatre Teacher's Graduation in disciplines on the area of Art/Education. They were invited to share their stories of life permeated by formative experiences in Art, chronicling their educational careers at an early age to the present. The main objective of the activity was to bring students to the remembrance of the educational training in Art in order to make them reflect on their own process of artistic training, to their fragility and precariousness, from there, understand the History of Art/Education in Brazil and the importance of education to human development.

Keywords: Art/Education, History of Art/Education, Life Histories.



A atividade “Linha do Tempo”: antecedentes e perspectivas metodológicas¹

[...] em sua maioria, as linhas do tempo apresentaram um ponto em comum: o encontro com a arte dentro da escola. Para muitos deles foi passado uma forma de ensino de arte como atividade. Apenas para completar horários e sem realmente uma motivação de ensino para o conhecimento. Uma casca com o miolo vazio em termos de aprendizagem (estudante 01).

A experiência de formação aqui relatada teve início em 2008, na disciplina Fundamentos e História da Arte-Educação, no Curso de Pós Graduação em Arte e Educação *Lato Sensu* da Faculdade 7 de Setembro localizada em Fortaleza, capital do Ceará. O objetivo da atividade era estudar o histórico do ensino de arte no Brasil tendo como ponto de partida as narrativas de vida de cada estudante participante da disciplina. Estes foram convidados a fazer uma atividade que integrava as seguintes etapas: (1) elaborar individualmente e fora da sala de aula, um pequeno inventário de suas vidas, focando nas experiências formativas em arte desde a infância até a atualidade e, posteriormente, compartilhá-lo com o restante do grupo por meio de uma narrativa oral, com a utilização de recursos por eles escolhidos; (2) síntese reflexiva em que o grupo se debruça sobre as narrativas, interpretando-as e fazendo análise crítica de tudo que foi compartilhado; (3) estudo do Histórico do Ensino de Arte relacionando com o conteúdo das linhas do tempo apresentadas; (4) elaboração de análise crítica textual contendo 3 etapas: análise geral de todas as as Linhas do Tempo apresentadas, análise individual e auto-avaliarão e, por último, análise crítica dos conteúdos que emergiram relacionando com o histórico do ensino de arte no Brasil.

Como ponto de partida, fundamentamo-nos na premissa teórica de que podemos analisar e refletir sobre o social e o histórico a partir do singular e individual, pois, de acordo com Ferrarotti (1988, p. 26-27): “Se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”.

¹ Importante compartilhar que este trabalho também será apresentado no V Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (GOLDBERG, OLINDA e BEZERRA, 2012) com enfoque no aspecto biográfico. Desta forma, compartilhamos alguns trechos do texto comum que narram a experiência em seus aspectos metodológicos.



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

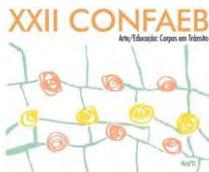
Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

Com o tempo a atividade foi sendo adaptada, modificada, ampliada e desde 2011 vem sendo realizada na Universidade Federal do Ceará, com estudantes do Curso de Pedagogia na disciplina de Arte-Educação (Faculdade de Educação) e do Curso de Licenciatura em Teatro na disciplina de Fundamentos da Arte na Educação: Metodologias e Tendências (Instituto de Cultura e Arte). Nos anos de 2011 e 2012 participaram da atividade, aproximadamente, 203 estudantes de pedagogia e 87 de teatro, os quais foram convidados a compartilhar narrativas de vida permeadas pelas experiências formativas em arte, trazendo influências, pessoas, eventos e instituições significativas desde a infância até a atualidade.

O objetivo principal da atividade é oportunizar aos estudantes o resgate dos processos formativos em arte, através das narrativas de suas vidas, a fim de levá-los à reflexão sobre seu próprio processo de formação artística, suas fragilidades e precariedades para, a partir daí, compreenderem o histórico do ensino de arte no país e a importância deste ensino para a formação humana, bem como a responsabilidade do educador em arte na sociedade, seja na licenciatura em arte (em qualquer uma das áreas), seja na formação polivalente do pedagogo.

Para estudar Arte e Educação, seus princípios, tendências pedagógicas, métodos e abordagens, é essencial conhecer o processo histórico em que se deu o ensino de arte no Brasil, visto que alguns estigmas de sua origem permanecem até a atualidade, configurando uma área extremamente discriminada no currículo escolar e, de certa forma, na sociedade brasileira como um todo. No entanto, estudar a história desses processos apenas com base nos fatos e nas referências teóricas pode tornar-se muito distante da realidade dos estudantes, os quais dificilmente conseguiriam relacionar tais fatos históricos à sua vida hoje. Desta forma, é preciso contextualizar tais conteúdos numa perspectiva histórica, social e ao mesmo tempo atual e individual.

Trabalho semelhante a este, envolvendo histórias de vida e estudo sobre a história do ensino de arte foi realizado por Hernández, Tourinho e Martins (2006) com alunos da graduação em arte da Universidade de Barcelona, Espanha, na disciplina História do Ensino de Arte. Vejamos um trecho do relato desta experiência:



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

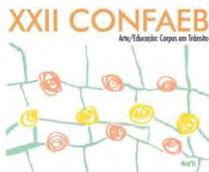
Há quatro anos começamos a propor que a História do Ensino de Arte não tinha por que ser tratada como algo que 'estava fora', distante de quem a estudava. Passamos a considerar que os alunos da disciplina não apenas formavam 'parte da história' mas eram sujeitos 'com história'. Isto nos permitia desenvolver uma história encarnada nas relações, experiências e trânsitos dos alunos, ao mesmo tempo em que nos abria para a necessidade de outras maneiras de fazer história. Foi então que a disciplina começou a organizar-se como um ateliê de investigação sobre a memória histórica vinculada ao ensino de arte. Na primeira parte deste ateliê os estudantes começaram a escrever e visualizar suas histórias de vida em relação a este ensino (p. 1-2).

Pensamos que para entender o processo histórico do ensino de arte detonador de estigmas de toda a ordem, ainda presente hoje no imaginário coletivo torna-se necessário, então, propor um reconhecimento desse processo de forma individual, questionando: O que eu vivi de arte na minha vida? Que tipo de atividade tive a oportunidade de experimentar? Onde a arte esteve mais presente? Quem foram as pessoas ou entidades estimuladoras ou castradoras do processo artístico? Que alegrias ou traumas trago dessas vivências? Como a presença ou a ausência da arte contribuiu para quem eu sou hoje?

Continuando e confirmando a importância de um trabalho pedagógico que resgate as experiências de vida dos estudantes, Hernández, Tourinho e Martins (2006, p.2) afirmam:

Refletir sobre razões que orientam escolhas e projetar uma arquitetura que privilegie espaços de interação entre sujeitos, práticas, contextos e memória é um processo que cria deslocamentos e enfrentamentos pessoais, epistemológicos e metodológicos. São decisões e posições que instituem responsabilidades sobre como construir questionamentos, formas de conduzir, traduzir e integrar valores e concepções com modos de investigar. A reconstrução de histórias de vida se inspira na possibilidade de dar sentido, de dar razões a partir de uma lógica que seja ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, que ofereça consistência e continuidade, criando relações inteligíveis entre etapas e momentos vividos, vivenciados, investigados.

Desde o início, houve a preocupação formativa, visto que o público é constituído por (futuros) educadores e educadoras, multiplicadores do Ensino de Arte, responsáveis pela formação de crianças, jovens e adultos. Desta forma, a reflexão sobre o Ensino de Arte passa a ter diferentes dimensões: a dimensão individual das narrativas de vida; a dimensão social e histórica do Ensino de Arte



como um todo no país e a dimensão formadora nascida da reflexão sobre o coletivo de apresentações e voltada para a responsabilidade de educador na sociedade que cada um terá ao concluir a graduação e ingressar no mercado de trabalho.

Metodologicamente, a atividade Linha do Tempo ocorre a partir de um desafio: buscar, reunir, organizar e apresentar/narrar as experiências formativas em arte vividas desde a infância até a atualidade. Desta forma, os estudantes são convocados a mergulharem em suas trajetórias de vida para resgatarem as vivências mais significativas, dando corpo e representação, tornado inteligível memórias, lembranças, sensações, momentos, atividades e traumas desse percurso. Cada estudante tem, em média 10 minutos de apresentação, o que é pouco, mas inevitável, tendo em vista as turmas serem muito numerosas e tal atividade tomar boa parte da carga horária das disciplinas.

A forma de apresentação das narrativas é livre, ou seja, cada um escolhe como apresentar sua Linha do Tempo, o que detona os mais variados processos de representação dando um caráter criativo a cada apresentação. Muitos foram os que preferiram reunir tudo em uma apresentação de slides, inserindo fotos, textos, desenhos, músicas e vídeos; outros fizeram vídeos de fotos ou criaram e editaram vídeos; estudantes do curso de teatro escolhem geralmente a *performance*, pois podem narrar com o corpo utilizando a linguagem teatral – há quem atue, cante, dance, toque algum instrumento e até faça magia! Tudo é permitido, sem nenhum tipo de censura e a cada apresentação o grupo sente-se impelido a fazer mais, como se a apresentação de cada um fosse estímulo e alimento para novas apresentações.

Ao final, os estudantes realizam uma análise crítica a partir de um texto escrito em que refletem sobre os conteúdos apresentados, lançando um olhar crítico sobre as vivências compartilhadas no intuito de organizar as informações e perceber as familiaridades entre as atividades, os traumas, os pontos positivos, as questões culturais, os preconceitos. A partir daí, passamos ao estudo do histórico do ensino de arte, estudando as metodologias e as tendências pedagógicas de arte no Brasil,



traçando um paralelo entre as histórias de vida individuais/coletivas e a história do ensino de arte como um todo.

O ensino de arte hoje ontem e hoje: contextos históricos e consequências

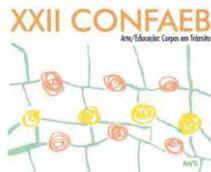
Desde os primórdios da educação no nosso país, o ensino de arte é considerado algo supérfluo, uma ocupação ociosa, dados os muitos preconceitos gerados pela sua própria origem². Segundo Gombrich (1993), por muitos anos e, durante o estilo Neoclássico na Europa, a arte conservou um lugar natural na vida das pessoas ociosas, e era geralmente considerada tão axiomática quanto indispensável (p.375). Sua finalidade nunca era questionada, servia para fornecer belas coisas às pessoas que as queriam ter ou desfrutar (p. 376), ou seja, uma elite interessada apenas no prazer e na ociosidade. O estilo Neoclássico, sóbrio, frio, elegante, realista e perfeito fixou padrões de beleza que se instituíram, ao longo dos anos, por meio das famosas academias de Belas Artes, importadas da Europa, mais precisamente da França. O séc. XVIII trouxe para o Brasil a Missão Francesa e seu estilo neoclássico, enraizando suas características no solo nacional (GOLDBERG 1999).

Com o tempo, a arte tornou-se uma atividade burguesa, distante da realidade popular, trazendo preconceitos que existem até hoje, repercutindo na própria educação:

Afastando-se a arte do contato popular, reservando-a para the happy few e os talentosos, concorriam-se assim para alimentar um dos preconceitos contra a arte até hoje acentuada em nossa sociedade, a idéia de arte como uma atividade supérflua, um babado, um acessório da cultura (BARBOSA, 1978, p.20).

Apesar dos avanços alcançados até agora pela luta política engendrada pelo movimento de Arte-Educação e da existência de profissionais formados em Artes nas diferentes áreas nas licenciaturas específicas (música, dança, teatro e artes visuais), ainda se contratam profissionais sem formação ou de outras áreas

² Para um maior aprofundamento sobre esse tema ver: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos/acertos**. São Paulo: Max Limonad, 1984.



para lecionar artes. Isto vem gerando ao longo dos anos um esvaziamento no ensino de arte que repercute em muitos erros que refletem a situação atual:

Um contínuo processo de mediocrização da experiência estética e artística está se processando na escola. O motivo mais evidente é a exigência compulsória de arte nos currículos sem uma preparação adequada de professores através dos cursos de licenciatura (BARBOSA, 1984, p. 18).

Em Fortaleza, ainda percebe-se a presença dos preconceitos desenvolvidos ao longo da história. Como relatado por muitos estudantes na atividade Linha do Tempo, a disciplina de Arte continua sendo sinônimo de lazer, trabalhos manuais, decoração de festas e datas comemorativas, perdendo seu significado e estabelecendo um conceito equivocado para o ensino de arte que se perpetua.

Importante atentar para a realidade da formação de profissionais licenciados em arte em Fortaleza – Ceará. As licenciaturas específicas são muito recentes nas Instituições de Ensino Federais, o que caracteriza um contexto complexo no ensino de artes na escola, como a presença maciça de profissionais sem formação ou de formação diversa ministrando a disciplina (português, literatura, história, etc). Outro problema bastante recorrente é relativo à polivalência. Como nem a LDB 9.394/96 e nem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte explicitam como deve ocorrer na prática o ensino de arte nas escolas, o espaço das formações específicas não é garantido, ou seja, os profissionais são obrigados a trabalhar em áreas distintas da sua formação, como por exemplo, ter formação específica em Teatro e ter que lecionar Artes Visuais, o que é extremamente comum. Só vamos ter a atuação nas áreas específicas, quando muito, nas instituições educacionais privadas, que contratam os profissionais com formação específica (dança, teatro e música), na maioria das vezes, para atividades extraclasse, que trazem um custo para quem deseja participar, mantendo a elitização do contato com a arte, ou seja, para fazer teatro, dança ou música é preciso um investimento financeiro excedente à mensalidade comum.

Outro agravante no município é a dificuldade de organização política dos profissionais na arte-educação. Logicamente há excelentes profissionais atuantes

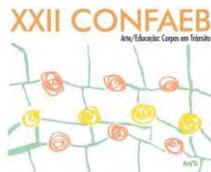


em diferentes esferas, no entanto, de forma isolada. Em agosto de 2011 iniciamos um processo de construção de um Fórum de Arte-Educadores de Fortaleza/Ceará³ com a intenção de gerar o encontro, a troca e o fortalecimento político da categoria. Não temos até o momento uma associação de arte-educadores de Fortaleza ou do Ceará, portanto não possuímos uma entidade civil organizada que represente os interesses da classe junto ao governo questionando os editais de seleção de professores para as escolas (sempre com problemas) e discutindo o espaço da arte-educação nas políticas públicas e na sociedade como um todo.

O Fórum de Arte-Educadores de Fortaleza/Ceará teve um início promissor, reunindo profissionais e estudantes das Instituições Federais dos cursos de Artes Visuais, Dança, Teatro, Música e Pedagogia (IFCE, UFC, UECE, UNILAB), das escolas públicas municipais e estaduais, de órgãos da prefeitura e do governo do estado e de instituições não-formais como ONGs e Institutos. No interior do fórum recebemos atualizações a respeito do que já havia sido feito no empenho de se criar uma associação (iniciativas empenhadas pela professora Edith Colares e grupo de pesquisa da UECE) há alguns anos atrás e que, infelizmente, não vingou. Apesar da fecundidade do grupo, das carências e das necessidades da área não se chegou a um consenso a respeito da criação da associação, assim como as reuniões passaram a ser mais raras.

À medida que os novos profissionais partem para a inserção no mercado de trabalho formal, seja por meio de editais ou de contratações, encontram uma série de situações conflituosas e problemáticas. É preciso que haja organização política junto às entidades governamentais no sentido de garantirmos o espaço que a arte merece por lei e proporcionar uma reflexão crítica sobre o que vem acontecendo nas escolas, como a exigência da polivalência, a contratação de professores sem formação ou com formação distinta e a presença de práticas antiquadas e oriundas das pedagogias tradicional e tecnicista. Já está mais do que na hora de

³ As reuniões do fórum tiveram início em agosto de 2011 e se estenderam até o início de 2012. Para acessar as atas das reuniões visite o blog <http://forumdearteeducadores.blogspot.com.br/>. O fórum mantém também um grupo no facebook com, atualmente, 384 membros: <https://www.facebook.com/groups/forumarteeducadores/> constituindo um espaço privilegiado de trocas de informações e contatos.



fortalecermos o movimento de arte-educação na busca da arte como área de conhecimento que merece espaço tanto quanto as demais áreas.

Desta forma, a atividade Linha do Tempo vem trazer a importância do estudo do histórico do ensino de arte na perspectiva formativa para que futuros educadores de arte tenham conhecimento das conseqüências dessa construção histórica e da responsabilidade que temos em transformar essa realidade buscando desenvolver práticas libertadoras, especialmente na educação infantil e no ensino fundamental, contextos em que o ensino de arte é representado por práticas conservadoras e reprodutivistas.

A “Linha do Tempo” e as experiências formativas em arte de estudantes de pedagogia e licenciatura em teatro na Universidade Federal do Ceará.

Nesta parte vamos compartilhar alguns resultados da atividade “Linha do Tempo”. Nas análises críticas desenvolvidas pelos estudantes pudemos vislumbrar campos de percepção atingidos pela atividade, que vão desde concepções acerca da desvalorização da arte e da Educação Artística na sociedade; a importância da arte para a formação, os traumas, a importância da presença do outro até uma análise mais abrangente da importância da atividade como um todo para a formação docente.

Durante as apresentações das narrativas e nos relatos posteriores, comprovamos a validade da atividade em atingir os objetivos da disciplina, bem como a amplitude e a complexidade de tal atividade para a formação pessoal e profissional de cada estudante participante. A problemática do ensino de arte fica mais visível quando os estudantes narram suas vivências, pois validam o lugar que a arte ocupa hoje na sociedade, demonstrando a visão que se tem sobre ela na família, na escola e no contexto social como um todo.

Boa parte de suas experiências narradas ocorreram na escola ou em grupos religiosos - geralmente na Igreja Católica ou em diferentes denominações evangélicas. As instituições religiosas ocuparam um espaço ainda mais significativo que a própria escola. Enquanto a escola se limitou a oferecer atividades mecânicas como a recorrente utilização de modelos prontos ou a reprodução de coreografias e



pechinhas de teatro exibidas em datas comemorativas; as igrejas proporcionavam a criação e a oportunidade de expressão desses jovens. Importante observar que enquanto a escola reprimiu ou castrou a criatividade gerando a frustração e a baixa auto-estima as instituições religiosas proporcionaram a crença nas potencialidades criadoras por meio da fé. Desta forma, muitos se descobriram cantores, músicos, pintores, coreógrafos e bailarinos!

Por meio de um levantamento feito a partir das apresentações em slides e das análises críticas dos estudantes de pedagogia detectamos uma considerável variedade de atividades artísticas realizadas: desenho, pintura, colagem, modelagem, dança, teatro e música. A dança e o teatro aparecem de forma bastante significativa. No entanto, a presença dos modelos prontos e das atividades apenas reprodutivas, principalmente na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, revela a predominância de práticas educativas antigas e ultrapassadas que remontam às formações de magistério em que a arte servia apenas para decoração e para ornamentações nas datas comemorativas. Nos cursos de nível médio para formação de educadores, as (os) candidatas (os) ao magistério aprendiam “desenho pedagógico”, uma coleção de desenhos prontos para serem utilizados em sala de aula, nas capas de prova, nas datas comemorativas, como no dia do índio, na páscoa, dia das mães, etc. Exemplificando, foi assustador ver uma estudante utilizar fotos recentes de “capas de prova” de sua filha para ilustrar as “capas de prova” que ela pintava quando criança, relatando serem as mesmas imagens – exemplos de uma prática que não se renova e que continua reforçando padrões e estereótipos. Neste cenário, fica mais evidente a necessidade de intervenção na formação dos novos educadores, responsáveis por desenvolver visões e práticas educativas criadoras e transformadoras. Ilustramos esta discussão com falas que mostram o modo como os estudantes identificaram a arte na escola:

A arte nas escolas é realizada desde os anos 70. Mas somente hoje consigo vê-la e ainda a vejo com falhas, são mais de 30 anos e os mesmo problemas se repetem. Por quê? Quem muda isso? Nós, futuros educadores. Nademos contra a corrente para que futuramente linhas do tempo melhores sejam apresentadas nas escolas e universidades.
(Estudante 02)



[...] notória foi a ausência da concepção de ensino da arte como conhecimento, visto que toda e qualquer manifestação artística nos ensinamentos fundamentais eram somente uma arte contemporânea rígida centralizada por ensino da técnica. (Estudante 03)

As experiências escolares mostraram-se mais limitadas e restritas, por muitas vezes castrando a expressão e a criação, valorizando a cópia e a reprodução, bem como a competição entre estudantes e a aplicação dos conceitos arbitrários de “bonito” ou “feio”. Outra observação é relativa a traumas gerados por professores (as) ao exporem os estudantes a situações contra sua vontade, como o caso de obrigar uma criança a cantar, dançar ou se apresentar numa peça de teatro ou até ridicularizar um desenho ou qualquer outra criação em público. Não foram poucos os estudantes que choraram ao fazerem suas narrativas orais, quando resgataram esses momentos traumáticos da infância e que ainda trazem memórias desagradáveis. Certas atitudes levam à frustração das crianças e à inibição de sua espontaneidade em se expressar pela arte em qualquer uma das linguagens, conforme veremos a seguir:

O que percebi dos meus colegas foi um certo “trauma” da escola, quando eles relatavam o seu primeiro contato com a arte, pois o que se via era uma limitação do processo de construção da arte. (Estudante 04)

O que mais me chamou atenção em algumas apresentações foi o sentimento de revolta de traumas e discriminação que alguns alunos sofreram por gostar de arte, por tentar experimentar a arte, sendo rotulados. (Estudante 05)

Percebemos que alcançamos o fim maior da atividade: o da transformação da consciência do papel do educador frente ao ensino de arte. Ao tomar consciência de seu próprio processo formativo em arte, identificando todas as fragilidades engendradas neste processo, além de reconhecer a importância que a arte tem para a formação humana, surge o desejo de mudar essa realidade e de proporcionar a outras pessoas Linhas do Tempo mais felizes e ricas, permeadas de experiências artísticas de qualidade:

Depois de todo esse processo além de conhecer melhor os meus colegas, fiquei feliz por saber que teremos figuras querendo sim mudar esse quadro do ensino de arte no nosso país. [...] Num curto espaço de tempo, na qual estarei fazendo uma linha do tempo com meus alunos, quero ouvi-los dizer que na sua escola ele fez teatro, dança, música, desenho. (Estudante 6)



XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito

29 de outubro à 02 de novembro de 2012

Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista

É por meio de nossas próprias experiências que podemos (e devemos) iniciar uma nova busca, uma nova pesquisa e uma nova abordagem, a cada dia, de como a educação artística (música, artes plásticas, dança, cinema, teatro) pode contribuir (e contribuiu) na formação de cidadãos mais politizados e esclarecidos. (Estudante 07)

A experiência que tivemos enquanto estudantes de artes um dia ajudará a pensarmos o perfil de professores de teatro na escola que queremos e precisamos ser. O desejo é que todos nós tenhamos vontade verdadeira de proporcionar ótimas linhas do tempo em artes para os nossos futuros alunos. (Estudante 08)

Concluindo, podemos observar que a partir da Linha do Tempo os estudantes compreendem as carências e fragilidades do ensino de arte na escola e o papel do educador nesse processo que é o de responsabilizar-se por proporcionar um contato significativo com as artes, impedindo, assim, a perpetuação de práticas vazias de significado e que, por vezes, geram traumas que ficam marcados para sempre.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. Arte-educação: conflitos/acertos. São Paulo: Max Limonad, 1984.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método autobiográfico. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de Formação, nº 01, 1988, p. 19-34.

GOLDBERG, Luciane Germano, OLINDA, Ercília Maria Braga de, BEZERRA, Larissa Rogério Bezerra. **Narrativas de experiências formativas em arte: a linha do tempo de estudantes universitários**. Anais do V Congresso de Pesquisa (Auto)Biográfica - CIPA, 2012.

GOLDBERG, L.G. **Arte-Pré-Arte: um estudo acerca da retomada da expressão gráfica do adulto**. Monografia (Graduação em Educação Artística - Licenciatura Plena) Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 15.ed. Rio de Janeiro: LTC, Livros Técnicos e Científicos, 1993.

HERNÁNDEZ, Fernando, TOURINHO, Irene & MARTINS, Raimundo. Aprender história do ensino de arte através da realização de histórias de vida. **Revista UFG** - Universidade Federal de Goiás - Dezembro 2006, ano VIII, nº2. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/

Luciane Germano Goldberg: Graduada em Educação Artística - Licenciatura Plena com habilitação em artes plásticas (1999) e Mestre em Educação Ambiental (2004), ambos pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG - RS. Professora Assistente da Universidade Federal do Ceará - Faculdade de Educação. Doutoranda em Educação Brasileira – UFC.

Larissa Rogério Bezerra: Graduada em Comunicação Social pela Universidade Estácio de Sá, Graduada em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação do Ceará (IFCE) e Mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará.